

APL em Turismo: estudos preliminares sobre a Feira do Bosque

Ana Jaimile da Cunha¹, Geruza Aline Erig¹, Janaína Maria Andrade Aires Fonseca¹, Carlos Eduardo Panosso² Betânia Aparecida da Silva³, Remerson Alves Silva³

¹Docentes do IFTO, Campus Palmas, da Área de Turismo, hospitalidade e Lazer. e-mail: jaimile.cunha@ifto.edu.br; geruza@ifto.edu.br; janaina@ifto.edu.br

² Docente do IFTO, Campus Palmas da área de sociologia. Email: panosso@ifto.edu.br

³ Alunos bolsistas do projeto APL de Extensão, dos cursos de Tecnologia em Gestão Pública e Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio, respectivamente. e-mail: betania.aparecida@ifto.edu.br, reemerson@hotmail.com

Resumo: Arranjos Produtivos Locais (APL's) tem ganhado destaque em pesquisas dado sua relevância enquanto ferramenta de desenvolvimento de sistemas produtivos locais. O presente artigo é resultado parcial do projeto de extensão intitulado APL em turismo: limites e possibilidades da Feira do Bosque, com a finalidade de apresentar os resultados preliminares da pesquisa. As discussões ora apresentadas tem como objetivo conhecer o perfil dos feirantes da Feira do Bosque de Palmas - TO. A metodologia utilizada nesta primeira etapa da pesquisa foram levantamento bibliográfico, documental e pesquisa de campo através de entrevistas com roteiro semi-estruturado. Diante do exposto, a presente pesquisa revelou-se como uma oportunidade valiosa de se conhecer um pouco mais a realidade socioeconômica dos feirantes que atuam na Feira do Bosque em Palmas.

Palavras-chave: arranjos produtivos locais, feira do Bosque, turismo

1. INTRODUÇÃO

Os arranjos produtivos locais (APL's) são mecanismos que melhoram a competitividade das empresas que pertencem ao mesmo ramo de produção e que se articulam intensamente. Formam parcerias e alianças estratégicas (MAMBERTI E BRAGA, 2004).

Segundo França, (2004, p. 01), Arranjos Produtivos Locais são aglomerações de empresas, localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.

Estas empresas geralmente estão localizadas em determinado espaço geográfico e possuem grande afinidade econômica. São conglomerados produtivos afins, buscando apoio em instituições públicas ou empresas financiadoras. Esse conceito de APL's pode ser aplicado a qualquer sistema produtivo local, como forma de planejar uma melhor ação por parte do Estado e empresas privadas. No caso do turismo, objeto desse estudo, também pode ser aplicado visando o desenvolvimento local melhorando a oferta de empregos e gerando recursos para os municípios.

Os APL's têm sido vistos como saída para melhorar a competitividade de empresas e maior integração dentro da atividade que participam. Os resultados são bem melhores para as empresas que trabalham em conjunto do que para as que desenvolvem suas atividades isoladamente.

O principal objetivo destes aglomerados de empresas é o de “promover a competitividade e a sustentabilidade do APL, estimulando processos locais de desenvolvimento” (FRANÇA, 2004, p. 02). Segundo Mamberti & Braga (2004, p. 05), “Essas empresas são integradas em sistemas colaborativos de produção e inovação, formando

parcerias e alianças estratégicas”. Desta forma, estas empresas se tornam fortalecidas, pois nesse processo, não importa o tamanho da empresa, pois elas podem ser de pequeno, grande e médio porte.

Nos últimos anos Arranjos Produtivos Locais (APL's) tem ganhado destaque em pesquisas dado a sua relevância enquanto ferramenta de desenvolvimento de sistemas produtivos locais. Conforme a Teoria de Desenvolvimento Regional, Arranjos Produtivos Locais permitem alcançar resultados como sustentabilidade, promoção de um ambiente de inclusão, elevação do capital social, a democratização do acesso a bens públicos (educação, saúde, crédito, centros de pesquisa, serviços empresariais, plataformas logísticas, entre outros); a preservação do meio ambiente, o protagonismo local, a integração com outros atores; conexão com mercados; a mobilização de recursos endógenos e por fim, a atração de recursos exógenos (FRANÇA, 2004).

De forma complementar sobre esta abordagem, PANOSSO (2013) coloca que as APL's tornam-se ferramentas de análise e de implementação de políticas e projetos que podem viabilizar o desenvolvimento, tendo como referência os potenciais do lugar. Este processo torna-se complexo porque envolve vários agentes como empresas, universidades, institutos de pesquisa, instituições de fomento, escolas e governos, bem como demanda a interação e cooperação entre os mesmos. As APL's constituem-se assim em aglomerações territoriais de agentes econômicos políticos e sociais, com foco em um conjunto específico de atividades econômicas e que apresentam vínculos e interdependência. Geralmente, envolvem a participação e a interação de empresas – que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros – e suas variadas formas de representação e associação.

Nesta perspectiva, as feiras podem ser consideradas como verdadeiras APL's, uma vez que constituem-se ferramentas essenciais de acesso à vivência de espaços através da comercialização de produtos e/ou serviços locais e regionais, permitindo a reunião de diversos agentes que reúnem segmentos do comércio. As feiras podem agregar vários tipos de necessidades em um mesmo local e tempo, atraindo dessa forma o público interessado (SOUZA, 2012).

A Feira do Bosque no município de Palmas se apresenta como arranjo produtivo do mercado turístico local. Esta acontece através da venda de cinco principais segmentos do comércio sendo estes o artesanato, a gastronomia, calçados, confecção e decoração (Fundação Cultural de Palmas, 2012).

Atualmente a feira desempenha importante papel na defesa dos interesses dos comerciantes e membros da Associação de Feirantes da Feira do Bosque no sentido de fortalecê-la como pólo centralizador e distribuidor da produção artesanal, considerada bastante extensa, rica e variada. Contudo, a feira enfrenta dificuldades relacionadas à sua gestão, uma vez que esta é realizada por dois órgãos distintos da Prefeitura Municipal - a Fundação Cultural e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, e não possui dados concretos em relação aos detalhes de sua estrutura física, caracterização dos atores envolvidos, produtos e serviços disponíveis e gestão.

Diante desta perspectiva, o presente artigo é resultado parcial do projeto de extensão intitulado APL em turismo: limites e possibilidades da Feira do Bosque, com a finalidade de apresentar os resultados preliminares da pesquisa. As discussões ora apresentadas tem como objetivo conhecer o perfil dos feirantes da Feira do Bosque de Palmas - TO.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O desenvolvimento deste estudo é realizado por membros da equipe do projeto de Extensão de Arranjos Produtivos Locais, composta por alunos bolsistas e docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Palmas. O presente artigo tem a finalidade de apresentar os

resultados parciais da pesquisa a fim de conhecer o perfil dos feirantes da Feira do Bosque de Palmas - TO.

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem quantitativa. Os instrumentos utilizados nesta primeira etapa foram o levantamento bibliográfico, documental e pesquisa de campo.

A coleta de dados foi feita através de pesquisa de campo, realizada entre os dias 09 e 16 de junho de 2013. Como encaminhamento, optou-se pela aplicação de questionários estruturados em entrevistas realizadas com 71 feirantes que compõem o APL da Feira do Bosque de Palmas, para conhecer o perfil dos mesmos.

Após a fase de coleta dos dados, procedeu-se com a preparação e o tratamento dos dados para a fase analítica, sendo gerados gráficos com análise das possibilidades da feira e a mensuração dos dados socioeconômicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Caracterização da Feira do Bosque de Palmas - TO

Fundada em 17 de dezembro de 1995, a Feira do Bosque foi declarada Patrimônio Turístico e Histórico do Estado do Tocantins através da Lei nº 2.240 de 4 de dezembro de 2009, sendo considerada uma das mais antigas da capital. Criada como uma alternativa para reunir os artesãos que nos primeiros anos de vida da cidade encontravam-se espalhados, a feira se consolidou e atualmente está estruturada com 150 boxes (Fundação Cultural, 2012), desempenhando importante papel enquanto espaço social que reúne a venda de produtos das múltiplas culturas reunidas em Palmas, bem como atua na defesa dos interesses dos feirantes que hoje são em sua maioria, membros da Associação de Feirantes da Feira do Bosque.

De acordo com a Associação dos Feirantes da Feira do Bosque (AFFEB), A feira foi fundada pela prefeitura, e na ocasião sua gestão encaminhada à tutela da Fundação Cultural. A esta lhe cabia a função de organizar a feira através de um gerente para controle de presença dos feirantes, estoque e controle de mercadorias a fim de garantir a característica cultural da feira através da comercialização do artesanato, além de manter a estrutura física e de limpeza da feira. É importante ressaltar que a existência de um controle de qualidade dos produtos vendidos foram requisitos imprescindíveis para o tombamento da mesma, pois “a Feira deve ser artesanal”, conforme coloca a AFFEB. Contudo, é importante ressaltar que ainda nos primeiros anos, em paralelo à feira de artesanato foi se formando uma feira de artigos industrializados, que descaracterizava o espaço cultural da Feira do Bosque.

Em 2005 foi fundada a AFFEB, que se tornou a primeira associação formada em defesa das necessidades dos feirantes e das feiras de Palmas. Conforme a presidente da AFFEB “a associação nasceu para tentar fazer com que o feirante fosse ouvido”, e desde então se tornou junto à Fundação Cultural, a principal gestora da Feira do Bosque. Além dos feirantes, a associação também intermediou os interesses de comerciantes informais que tem seu espaço garantido como é o caso dos *hippies*. Em 2010, houve uma interdição total por parte da prefeitura para a reforma da parte física da feira, contudo esta não foi concluída, faltando a implantação de uma loja permanente para vender os produtos dos feirantes.

Atualmente a Feira do Bosque funciona um dia na semana, sempre aos domingos, e envolve a participação de feirantes que oferecem os mais diversos produtos dentro do segmento de alimentação e produtos de artesanato.

3.2. Perfil dos Feirantes

A feira do Bosque de Palmas é considerada uma feira livre, tem histórico de informalidade, mas a tendência de mercado, de evolução remete a profissionalização e formalização dos negócios, pois 97% dos entrevistados são os responsáveis pelo negócio, portanto a grande maioria dos proprietários do empreendimento está presente, na gestão e operacionalização do negócio.

Por outro lado, observa-se que apenas 20% possuem CNPJ, sendo assim, a maioria dos negócios trabalham na informalidade, o que gera contradição, uma vez que existe vínculo formal através da associação dos feirantes, mas em termos de mercado, os negócios estão informais, deixando de recolher impostos e garantindo direitos trabalhistas, de financiamento, credibilidade perante o cliente, etc.

Os itens mais representativos verificados na pesquisa são a alimentação e artesanato com ênfase no capim dourado, que também são elementos significativos para o turismo. Dos entrevistados 38% comercializam produtos da área alimentícia; 28% artesanato; 18% confecções; 3% calçados; 3% Enxoval; 3% panos de prato; 2% Dvds e CDs; 1% bolsas e mochilas; 1% tapetes; 1% almofadas.

1) Faixa Etária

De acordo com dados levantados junto à população estudada (figura 1) foi constatado que 31% dos feirantes têm idade entre 41 e 50 anos de idade, 27% entre 31 e 40; 21% declararam estar acima de 50 anos e 13% acima de 60. Apenas 8% dos entrevistados tem idade entre 21 e 30 anos. A pesquisa aponta que grande parte dos feirantes tem idade acima de 40 anos, o que indica grau de maturidade das pessoas para se dedicar ao gerenciamento do negócio.

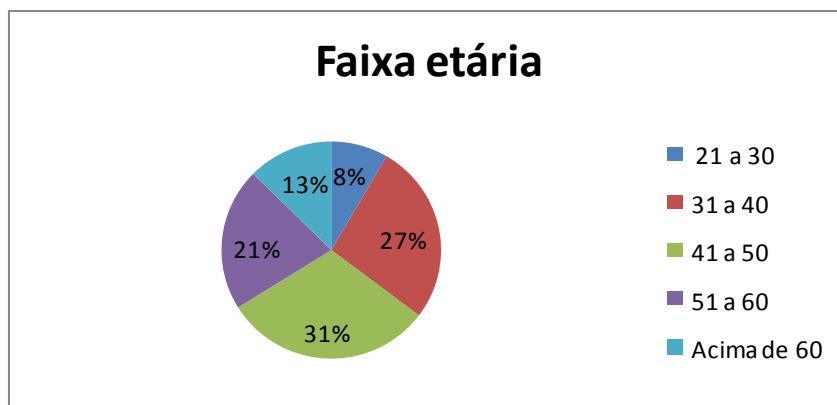


Figura 1: Faixa etária dos feirantes. Fonte: Elaboração própria

2) Gênero

Ao analisar o número de homens e mulheres que trabalham na feira, observou-se que os indivíduos do sexo feminino são maioria, representando 72% dos entrevistados, enquanto que 28% são do gênero masculino (figura 2).

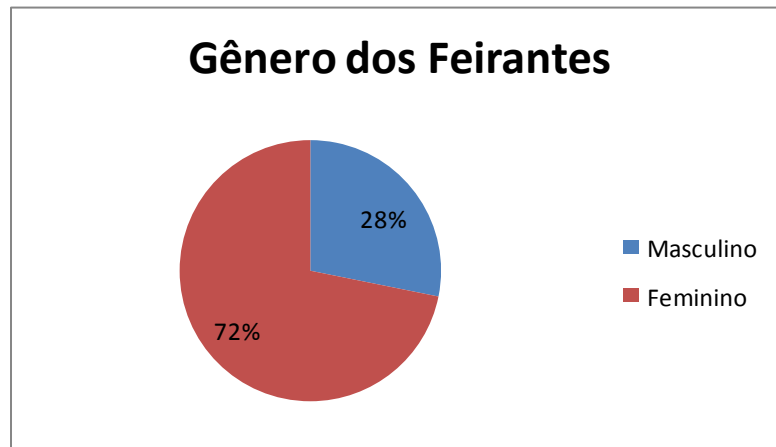


Figura 2: Gênero dos feirantes. Fonte: Elaboração própria

3) Grau de Instrução

Em relação ao Grau de instrução, a pesquisa aponta que há indicativos positivos de escolaridade, pois 51% dos feirantes têm entre 2º grau completo e pós-graduação (figura 3).

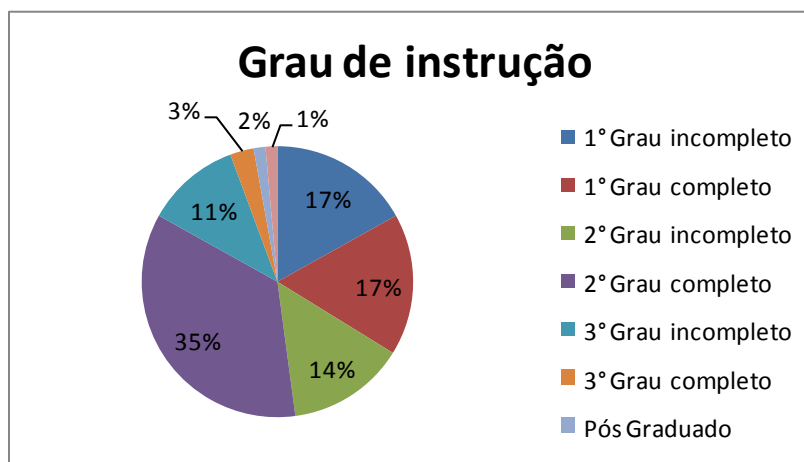


Figura 3: Grau de instrução dos feirantes. Fonte: Elaboração própria

4) Experiência

Em relação à experiência foi constatado que 35% dos feirantes entrevistados possuem mais de 05 anos de experiência no ramo de atividade e 22% mais de 10 anos. De forma geral, a pesquisa verificou que a maioria dos entrevistados tem experiência no negócio de atuação, pois trabalham há bastante tempo no ramo, ou seja tem conhecimento dos negócios que trabalha.

Além disso, percebeu-se que a maioria dos feirantes está há bastante tempo comercializando produtos na feira, 20% entre há mais de 05 anos e 27% há mais de 10 anos, indicando consolidação e continuidade do negócio, que o lugar é de referência, tem mercado contínuo e em crescimento.

Quando questionados sobre a atuação em outras feiras, 41% só atua na Feira do Bosque; 30% trabalha em duas feiras; 21% trabalha em três feiras; 6% trabalha em mais de três feiras.

A pesquisa aponta que o trabalho em feiras é a principal fonte de renda, mostrando que o feirante se dedica integralmente ao negócio, o que desmistifica a crença de que o trabalho do feirante é um trabalho extra.

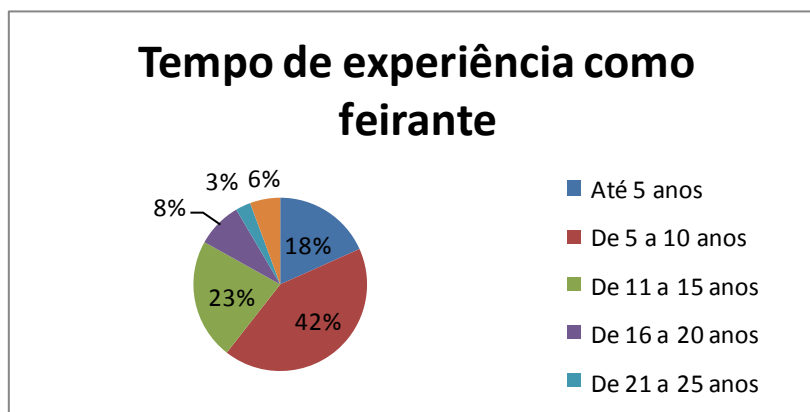


Figura 4: Tempo de experiência como feirante. Fonte: Elaboração própria

5) Renda

A renda mensal proveniente da feira obtida pelos trabalhadores varia entre R\$ 200,00 e R\$1.500,00. Sendo que os produtos mais comercializados são a alimentação e artesanato com ênfase no capim dourado.

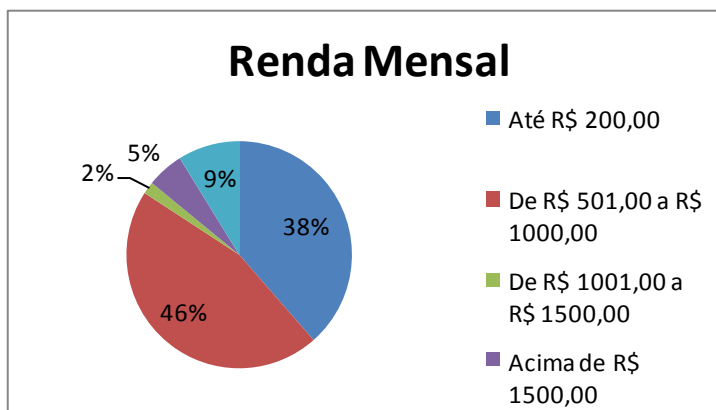


Figura 5: Renda mensal dos feirantes. Fonte: Elaboração própria

Os feirantes da Feira do Bosque de Palmas dedicam-se, em sua maioria, exclusivamente às feiras. Dentre os entrevistados muitos têm as feiras como sua única atividade. No entanto, há feirantes que exercem outras atividades, tais como motorista, funcionário público, eletricitas, massoterapeuta, gari, costureiras, fisioterapeuta, vendedores, entre outros.

A Figura 4 apresenta a composição da renda extra dos feirantes, onde é necessário observar que a receita originária de outras atividades também está presente na formação da renda de alguns feirantes (21%). Entretanto, foi observado que a maioria sobrevive com apenas a receita das vendas nas feiras, este número atinge uma média de 79% dos feirantes, o que deixa evidente que esta sendo uma vantagem para entrevistados, comercializar na Feira do Bosque em Palmas.

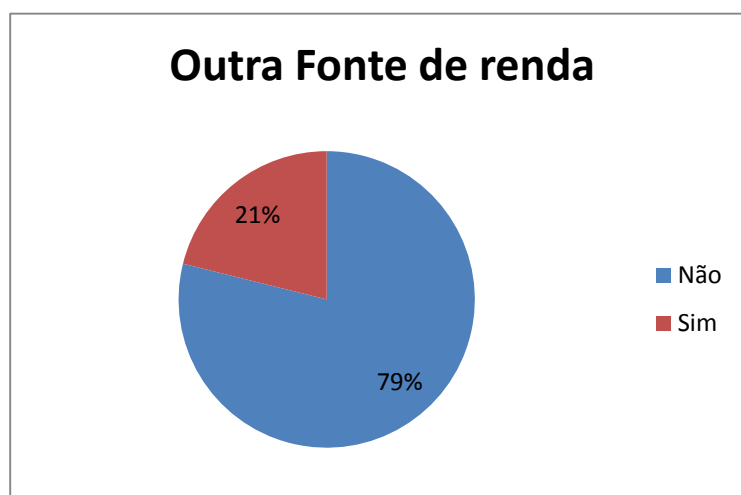


Figura 6: Outra fonte de renda dos feirantes. Fonte: Elaboração própria

6. CONCLUSÕES

Ao longo do estudo buscou-se conhecer a realidade socioeconômica dos feirantes da Feira do Bosque em Palmas.

Os resultados da pesquisa indicam, sobretudo, que a feira do Bosque é formada predominantemente por trabalhadores informais. O Artesanato e a gastronomia, pontos fortes da feira, são os principais produtos comercializados, o que pode e deve ser levado em consideração nas políticas públicas do município, já que a feira se manifesta como um Arranjo Produtivo Local (APL) com potencialidades para o Turismo.

O feirante, em sua maioria, é do gênero feminino, idade entre 30 e 50 anos, com ensino médio completo, renda média mensal em torno de R\$1.000,00. Possuem um bom nível de escolaridade, entretanto, carecem de formações e capacitações específicas, tanto no campo da própria produção, no atendimento ao público, quanto também na organização e gestão.

Diante do exposto, a presente pesquisa revelou-se como uma oportunidade valiosa de se conhecer um pouco mais a realidade socioeconômica dos feirantes que atuam na Feira do Bosque em Palmas. De todo modo, fica aqui a esperança de que esta pesquisa tenha contribuído para gerar e provocar questionamentos e reflexões sobre o assunto estudado.



REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**, Vol. 1. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, S. D. **Rede de Pesquisa em Sistemas e Arranjos Produtivos Locais**. Disponível em: <<http://www.redesist.ie.ufrj.br/Semi/Claes/textos/Panel%2007%20-%20Sergio%20Castro.pdf>>. Acessado em: 10 de dezembro de 2013.

FRANÇA, M. O. **Atuar em Ações Coletivas; Foco e Arranjos Produtivos Locais**. In: VI Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômico do pantanal. 11, 2004. Corumbá-MS. Disponível em <http://www.cpap.embrapa.br/agencia/simpan/sumario/palestras/Maristela.PDF>. Acesso em 10 de agosto de 2013.

FRANÇA, A. O. **A atividade turística enquanto proposta de crescimento econômico: Aparecida do Rio Doce (GO) – um exemplo**. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Curso de Geografia do Campus Avançado de Jataí, Universidade Federal Goiás, 2005. Jataí, 78 p.

MAMBERT, M. M. S; BRAGA, R. **Arranjos Produtivos Turísticos e Desenvolvimento Local**. In: I Seminário Internacional O Desenvolvimento Local na Integração: Estratégias, Instituições e Políticas. UNESP, Rio Claro, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMAS, **Plano Municipal da Educação de Palmas – Tocantins**, Disponível em : <<http://portal.palmas.to.gov.br/servico/125/>>. Acessado em: 10 de dezembro de 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMAS. **Fundação Cultural de Palmas. Relatório Administrativo: gestão, exercício 2011/2012**.

SOUZA, Poliana M. **Feira do Bosque: espaço para a construção da identidade cultural de Palmas – Tocantins**. Portugal, 2012. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acessado em: 11 de dezembro de 2013.